



BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO REGIONAL LUÍS DA SILVA RIBEIRO



01 A 06 DE FEVEREIRO

DESTAQUE | FALAR BEM EM PÚBLICO

BIBLIOTECA PÚBLICA
E ARQUIVO REGIONAL
LUÍS DA SILVA RIBEIRO

FALAR BEM
EM PÚBLICO
OFICINA DE DEBATE

08 a 12
fevereiro
19h-20h30



com Tomé Ribeiro Gomes

Inscrições até 4 de fevereiro para
comunicacao.bparlsr@azores.gov.pt

Tomé Ribeiro Gomes leciona, de 8 a 12 de fevereiro, a oficina “Falar Bem em Público”.

O formador, que já dirigiu a Sociedade de Debates da Universidade Nova de Lisboa, apresenta, em entrevista, as suas ideias sobre debate e discurso público e deixa uma sugestão para quem sente medo de falar perante uma audiência.

[VER +](#)

Tomé, o debate é a arte de ter razão?

Diria antes que o debate é a arte de dar razões e de refutar as razões de outro, e de o fazer de forma convincente.

Qual o papel das emoções no discurso argumentativo?

A primeira parte da definição acima, a de dar e de tirar razões, é aquilo a que chamamos de argumentação. À segunda parte, a de fazê-lo de modo convincente, podemos chamar de retórica. A argumentação e a retórica são ambas essenciais ao debate.

A argumentação por si só pode nem recorrer à língua portuguesa: pode-se fazer uma demonstração ou uma refutação matemática. Já para a retórica, as emoções são fundamentais.

É que os seres humanos não tomam decisões apenas com base na razão. Essa foi uma ilusão de que a cultura ocidental se deixou convencer desde o Iluminismo. É uma ilusão que tem custos, porque nos leva a simplificar as motivações humanas e assim obscurece, em vez de clarificar, a forma como desenvolvemos as nossas opiniões e decidimos sobre assuntos que importam à nossa vida enquanto indivíduos e enquanto sociedade.

De acordo com a filosofia socrática o verdadeiro debate é interior. Nos discursos contemporâneos a dimensão ética e de moralidade são uma preocupação dos oradores?

Em qualquer discurso público existe uma dimensão ética e moral. Mas a tal ilusão iluminista do racionalismo levou-nos a ancorar a legitimidade política na técnica. Há a ideia

que os governantes apenas devem agir segundo os ditames da ciência. Mas a ciência não consegue produzir uma ordenação justa da sociedade, essa é uma tarefa humana que exige escolhas valorativas que apenas podem ser feitas pela comunidade.

Há uma outra dimensão da nossa sociedade de que leva os oradores públicos a esconder a dimensão ética dos seus discursos. O sucesso do capitalismo criou a ideia de que o dinheiro é e deve ser o principal mediador das relações entre as pessoas. Uma vez que ter dinheiro é tido como equivalente a ser merecedor, toleramos que alguém com dinheiro seja favorecido em questões que de outra forma implicariam um debate sobre princípios. Por exemplo, faz sentido que um multimilionário utilize um avião privado várias vezes por semana enquanto uma pessoa normal se preocupa com reutilizar sacos de plástico e em comer menos carne vermelha para proteger o ambiente? Mas suspeito que a estagnação económica secular em que vivemos vá retirar ao dinheiro o seu papel como árbitro da moralidade e aí o debate público ganhará alguma da carga ética que perdeu.

Qual a importância dos debates em democracia?

Sem debates não há democracia. É mesmo tão simples quanto isso. A tensão entre ideias é o que permite que o sistema se adapte quase diariamente às diferentes preocupações e preferências dos cidadãos. As ditaduras podem sobreviver muito tempo, mas dependem sempre da habilidade de quem tem o poder de antecipar e reagir às mudanças inter-

nas e internacionais que o país vive. É um jogo muito sensível que pressupõe o esmagamento continuado de grupos de pessoas de correntes de opinião e que implica grandes custos quando é chegado o momento de fazer alterações profundas - custos esses que as mais das vezes se contabilizam em violência e em mortes, incluindo as da elite regente.

Um conselho para os jovens que se intimidam em falar em público.

O medo de falar em público é geral. Há estudos de opinião que concluem que este é o medo n.º 1 das pessoas - ou seja, acima da morte.

O truque, parece-me, é compararmos o que sentimos quando estamos a falar em público com o que sentimos quando estamos a ouvir alguém falar. Quando estamos na audiência, não estamos a reparar com um olhar crítico em todos os pormenores de dicção e de linguagem da pessoa que está a falar. Normalmente estamos a pensar no que está a ser dito, a comparar com as nossas próprias experiências e opiniões. Até acho que há uma tendência natural para querermos simpatizar com o orador, porque sabemos o que custa estar no lugar dele.

Mas só a experiência é que pode acabar de vez com o medo. É preciso aceitar que se erra e desvalorizá-lo. O primeiro-ministro António Costa não consegue enunciar “instituições” ou “constituição” (costuma sair algo como “instituições” e “conschução”, respectivamente), e não me parece muito preocupado com isso, nem tem de estar.



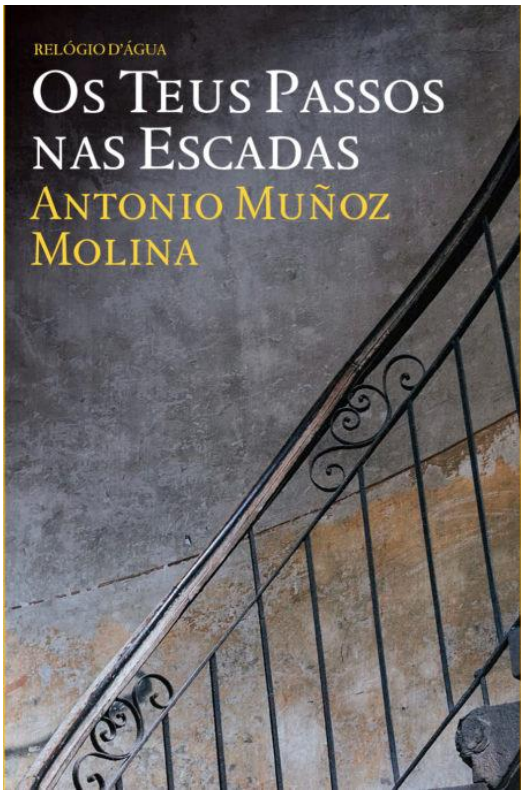
“Arquivo Interativo: Entre o Passado e o Futuro” vai permitir-lhe descobrir, em 12 episódios, o que guarda um arquivo público.
Veja aqui o primeiro vídeo, fique a conhecer esta fascinante divisão da Biblioteca.
[Ver +](#)

MOSTRA | PERIÓDICOS PEDIÁTRICOS “À LUPA” NO MÊS DE FEVEREIRO



Assinalamos o Dia Internacional da Criança com Cancro – 15 de fevereiro, com uma breve mostra de publicações feitas por associações ou por instituições que apoiam os serviços de pediatria de vários hospitais.
Venha conhecê-la, na sala de Periódicos.
[VER +](#)

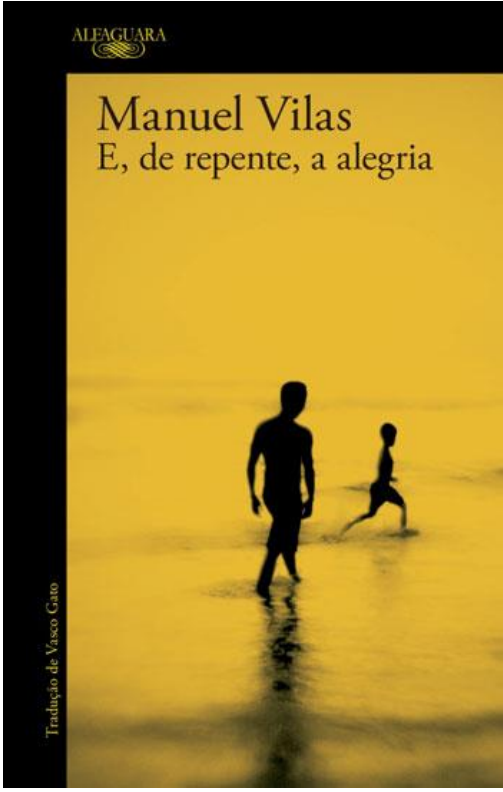
SUGESTÕES DE LEITURA | ADULTOS



[Ver +](#)



[Ver +](#)



[Ver +](#)